

## APRESENTAÇÃO

O presente número da Revista Seara Filosófica é uma edição especial. Sem fugir da temática ética e política que a caracteriza, ela visa ser uma singela homenagem aos 10 anos do Grupo de Estudos sobre Filosofia Medieval, da Universidade Federal de Pelotas. Concebido inicialmente pelo professor Manoel Vasconcellos, o grupo, desde o seu início, é um importante espaço para a discussão e a divulgação do pensamento medieval. Atualmente, somam-se na coordenação os professores Sérgio Strefling e Pedro Leite Júnior. Pode-se dizer, com grande acerto, que esta tríade de professores/pesquisadores realiza com sucesso um importante trabalho de pesquisa e de promoção<sup>1</sup> dos filósofos e dos temas discutidos na Idade Média.

O valor dado a Idade Média não é consensual dentro do universo acadêmico. Do ponto de vista filosófico (e até mesmo histórico) é comum ouvir que no medievo nada se produziu, e que estudá-lo é um gasto de energia desnecessário. Tal afirmação vem desde a modernidade. Segundo Carlos Arthur Nascimento, foi Christoph Keller (1638-1707) que consagrou a divisão da história da Filosofia (em Antiga, Medieval e Moderna) e a ideia de improdutividade neste “pequeno” intervalo de mil e poucos anos<sup>2</sup>. Desde então, ela é repetida, com certa frequência, nos corredores das universidades.

De fato, o pensamento medieval é desenvolvido em um contexto muito diferente do atual. Alguns acusam os pensadores medievais de não desenvolverem uma “filosofia pura”; pela forte ligação existente em seus textos entre a teologia (principalmente católica) e a razão que predomina naquele período. Os acusadores se esquecem de quão difícil é fazer uma filosofia “pura”, se é que é possível fazer isso! É difícil negar que os avanços científicos da nossa época não tenham nenhum tipo de ligação com o pensamento filosófico contemporâneo; basta olhar para a neurociência e os avanços na filosofia da linguagem e da mente. Agora, devemos voltar à filosofia medieval e esquecer o resto? Certamente que não. Voltar aos textos do passado (sejam eles da antiguidade, do medievo e da modernidade) podem lançar luzes aos problemas atuais, pois eles são recorrentes na história da Filosofia. Além disso, há uma continuidade muito maior do que se imagina entre um período histórico e outro, entre um pensador e

---

<sup>1</sup> As atividades podem ser acompanhadas no site do Núcleo de Pesquisa em Filosofia Medieval da Instituição. Ver em: <<http://www.filosofiamedievalufpel.com.br/site/default.asp>>

<sup>2</sup> NASCIMENTO, Carlos Arthur. **O que é Filosofia Medieval**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.8s.

outro. E mesmo que se diga que isso não é fazer filosofia propriamente dita, não deixa de ter valor e de ser importante para lançar-se ao filosofar.

Por isso, este número vem coroar o trabalho realizado pelo Grupo de Filosofia Medieval, buscando apresentar alguns temas e autores do medievo. Para abrir este número, o leitor encontrará, no primeiro artigo, uma reflexão sobre o estudo da filosofia medieval e o relato das atividades que vêm sendo desenvolvidas, ao longo dos anos, na Universidade Federal de Pelotas. Em seguida, pode-se ler sobre o pensamento moral de Agostinho de Hipona (354-430) e a discussão ontológica sobre o mal; um tema capital, não apenas para compreender a obra do hiponense, mas para toda discussão moral na Idade Média.

Nos três artigos subsequentes, encontrar-se-á algumas reflexões sobre alguns filósofos da Escolástica: Tomás de Aquino (1225-1274), Duns Scotos (1266- 1308) e Guilherme de Ockham (1285-1347). Por fim, os dois últimos artigos tratam da Segunda Escolástica ou da Filosofia Barroca, nomeadamente: da importância da Escola de Salamanca e do pensamento de Francisco de Vitoria (1492/93-1546). Este movimento que resgata o espírito escolástico dos séculos XII e XIII é importante para compreender à transição do medievo para a modernidade; bem como a formação dos primeiros centros de ensino nas colônias americanas, onde se teve uma ampla discussão jurídica e política.

Esta edição também traz uma novidade importante: a seção de tradução. Nela, pode-se ler sobre as virtudes e os vícios; tema retirado da obra de Guilherme de Ockham.

A todos os leitores da Seara Filosófica, espero que os artigos aqui expostos possam suscitar boas reflexões.

*Lucas D. Silva*

Editor responsável